

MATERIAL PEDAGÓGICO ADAPTADO PARA UMA ALUNA CEGA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Karoline Araújo e Silva¹ ; Rosane S. Gueudeville

Universidade Regional do Cariri (URCA), karolaraujomgx@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri (URCA), rosane.gueudeville@urca.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência, acerca da confecção e utilização de material pedagógico adaptado para uma aluna cega, tendo o material reciclado como um dos principais recursos. Ressalta-se que se tratou de um estudo de caso de uma aluna com cegueira, que foi estruturado a partir de visitas a uma instituição escolar no Município do Crato-CE. Assim, com base na situação investigada, essa pesquisa foi realizada com o intuito de minimizar os efeitos da exclusão de alunos deficientes e proporcionar uma forma de aprendizagem dinâmica e prazerosa, através de atividades lúdicas e pedagógicas. Dessa forma, esse trabalho foi de fundamental importância, pois proporcionou a interação entre alunos e professores, e a satisfação em poder proporcionar melhores condições de aprendizagem para esses alunos.

Palavras chaves: Educação Inclusiva. Material Pedagógico Adaptado. Cegueira.

INTRODUÇÃO

O respeito às diferenças e garantia de oportunidades para todos, tem sido aspectos assegurados desde a Constituição de 1988 (ROCHA; MIRANDA, 2009). Entretanto, a

¹ Graduanda do curso de licenciatura em pedagogia da universidade regional do cariri URCA.
karolaraujomgx@hotmail.com.

inclusão escolar de pessoas com deficiência no ensino regular, apresentou maior dimensão a partir da homologação da Lei n. 9394/96, uma vez que esta proporcionou amplo processo de transformações no sistema educacional, nos diferentes níveis e modalidades de ensino (MANTOAN, 2003).

Dentre estas transformações, destacamos à implantação da política de inclusão, pois a adoção desta proposta ampliou o olhar acerca do atendimento destinado as pessoas com deficiência que anteriormente ficavam segregadas em instituições especializadas ou não participavam, minimamente, de processos educacionais formais. (DOMINGOS, 2005)

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo, relatar a experiência de uma pesquisa de campo realizada na disciplina de Fundamentos histórico-culturais da Educação Especial, a partir da construção de um material pedagógico adaptado para uma aluna cega. Assim, pudemos mostrar que foi possível construir jogos pedagógicos com material reciclado, de forma simples, lúdica e barata, trazendo assim a importância de sempre se rever a prática pedagógica, visto que o público-alvo desse trabalho requer ações que transformem o modo de lecionar e dê condições para que esses aprendam e não sejam excluídos no meio escolar.

Os recursos pedagógicos adaptados são ferramentas que podem ser utilizadas por diferentes profissionais e possibilitam modificações no ambiente e mudanças nos procedimentos de execução das tarefas, ampliando a participação do aluno nas atividades propostas em sala de aula. Nesse sentido, Campos; Sá; Silva (2007, p. 13) pontuam que:

Os conteúdos escolares privilegiam a visualização em todas as áreas de conhecimento, de um universo permeado de símbolos gráficos, imagens, letras e números. Assim, necessidades decorrentes de limitações visuais não devem ser ignoradas, negligenciadas ou confundidas com concessões ou necessidades fictícias.

Ressalta-se que após visitas periódicas no especialista, a aluna recebeu o laudo de cegueira total, e passou a ter atendimento pedagógico na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). As equipes escolares, em especial a professora da SRM, buscaram possibilidades para que a aluna não se sentisse excluída, através de atitudes simples, mas que trouxessem autonomia e inclusão efetiva. Já que, quando estes se deparam com o expoente da deficiência visual, a família e a escola, precisam rever conceitos, condições e buscar alternativas para a transformação da vida dessa criança, pois,

[...] devemos ficar atentos em relação aos nossos conceitos, preconceitos, gestos, atitudes e posturas com abertura e disposição para rever as práticas convencionais, conhecer, reconhecer e aceitar as diferenças como desafios positivos e expressão natural das potencialidades humanas. (CAMPOS, SÁ, SILVA, 2007, p.13)

A pessoa com deficiência (re)conhece o mundo através da interação e das experiências mediadas por outro indivíduo, e tal vivência pode possibilitar a construção de conhecimentos através dos outros sentidos remanescentes.

Cegueira não é apenas a falta de visão, é meramente a ausência de visão (o defeito de um órgão específico), senão que assim mesmo provoca uma grande reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade. A cegueira, ao criar uma formação peculiar de personalidade, reanima novas forças, altera as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psique da pessoa. Portanto a cegueira não é somente em defeito, uma debilidade, senão também, em certo sentido, uma fonte de manifestação das capacidades, uma força (por estranho e paradoxal que seja!) (VYGOTSKI, 1989, p.74).

Logo, o contexto da escola é fundamental para o desenvolvimento do aluno, pois o aprender é sempre um processo contínuo e as experiências que a criança vivencia precisam ser valorizadas pelo professor. Ressalta-se que criança em questão era aluna regular de ensino fundamental de uma escola pública e tinha dificuldade em se socializar, mas, já era alfabetizada no ensino regular e estava tendo contato com o Braille. Assim, de porte dessas informações, o trabalho de desenvolver a atividade pedagógica adaptada para essa aluna se tornava um pouco mais flexível, “[...] desta forma, será possível criar, descobrir e reinventar estratégias e atividades pedagógicas condizentes com as necessidades gerais e específicas de todos e de cada um dos alunos” (CAMPOS, SÁ, SILVA, 2007).

Assim, alunos que apresentam cegueira precisam a todo momento, ser estimulados ao uso de recursos pedagógicos que devem dá suporte ao seu aprendizado e percepção tátil. Logo, o desenvolvimento desses alunos e suas particularidades são imprescindíveis para o planejamento de estratégias educacionais.

METODOLOGIA

O referido estudo, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, a partir da visita e observações no campo empírico, em uma escola regular, localizada no município do Crato-CE. Assim, as atividades de campo referente a esse trabalho, deu-se por meio de visitas e entrevistas com o corpo docente da referida escola, mas especificamente com a professora da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) para entendermos a realidade do local e aplicação do material pedagógico adaptado.

Logo, a partir da experiência vivenciada sentiu-se a necessidade de ir além de uma simples visita e identificação das deficiências encontradas na escola visitada, permitindo aos alunos (pesquisadores) possibilitar através do trabalho de campo uma contribuição simbólica para professores e alunos.

A compreensão acerca da aluna a ser pesquisada, aconteceu a partir das visitas as escolas que tinham estudantes com deficiência, assim foi possível elaborar o caso e pensarmos em uma atividade pedagógica que pudesse facilitar o ensino e a aprendizagem do aluno com cegueira.

Realizamos pesquisas para realizar a adaptação do material pedagógico, que trouxesse o lado dinâmico e socializador que era algo que a aluna mais necessitava no momento, mas envolvesse também o Braille. Assim, foram várias tentativas com protótipos, até a aplicação do produto final com aluna.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material pedagógico construído, tratou-se de um jogo de tabuleiro, mas conhecido como jogo da velha, tradicionalmente esse jogo utiliza dois símbolos X e O, e é jogado por duas pessoas, na adaptação feita utilizamos tampas de garrafa pet, umas com alto relevo para diferenciar uma peça da outra, visando a identificação das peças. A base para que o jogo, foi construída com caixas de ovo, em um espaço de 9 buracos para que os peças do jogo pudessem se encaixar.

Outra adaptação objetivou o trabalho com as formas geométricas e quantidades, construída em uma base de madeira que pode variar de acordo com o gosto de cada um, e em cima desse dispusemos várias tampas de pet, todas da mesma altura para facilitar o reconhecimento das formas, com o auxílio de um elástico. Assim, os dois jogos citados foram

confeccionados, na intenção de trabalhar a socialização da aluna com os demais colegas de sala, e trabalhar questões envolvendo a matemática.

O outro material adaptado, foi pensado no campo do Braille, tratou-se de um material utilizando, papelão, tnt emborrachado, cola alto-relevo e pérolas, foram recortados pedaços de papelão em tamanho retangular cobertos com tnt emborrachado, e divididos por uma linha horizontal, onde de um lado ficava o número, feito com a cola relevo, e da outra sua escrita em Braille, feito com pérolas. Nesse jogo, pode-se trabalhar o reconhecimento numérico e sua escrita em Braille.

A aplicação do material pedagógico foi feita na SRM, após termos estudado e analisado a fundo as especificidades do caso em questão, a aluna estava acompanhada da professora regente da sala de recursos e sua auxiliar, as quais no decorrer da aplicação mantiveram-se atentas as reações da aluna em relação ao jogo, para que assim, pudessem contribuir e sugerir mudanças nos materiais destinados à aluna.

Ressaltamos que foi de extrema importância e de grande satisfação poder ter um retorno tanto das professoras, como da aluna. As expressões que conseguíamos notar nitidamente na face da aluna era algo maravilhoso, a cada material que ela se permitia explorar, as suas expressões eram as melhores. O sorriso da criança, as conversas que fluíam tranquilamente, mesmo se tratando de uma criança que tinha dificuldades em socializar-se, percebemos que foi possível, através do material adaptado, garantir que a aluna vivenciasse possibilidades concretas de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de tal atividade e a vivência pedagógica com a aluna cega, foi bastante gratificante, tanto para a aluna tanto quanto para a professora. Após o retorno com material pedagógico, a felicidade expressa no rosto de cada um, dava mais certeza do campo profissional escolhido, e de como vale a pena, pensar e (re) pensar possibilidades para amenizar os estigmas das pessoas com deficiência, mostrando suas potencialidades e assim garantir equidade.

REFERÊNCIAS

DOMINGOS, M. A. **A escola como espaço de inclusão**: sentidos e significados produzidos por alunos e professores no cotidiano de uma escola do sistema regular de ensino a partir da

inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais. 2005. 373 f.
Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: o que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003

ROCHA, T.B.; MIRANDA, T.G. A inclusão de alunos com deficiência no ensino superior: uma análise de seu acesso e permanência. In: DÍAZ, F.; BORDAS, M.; GALVÃO, N.; MIRANDA, T. (Orgs.) **Educação inclusiva e contexto social**: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009. p.27-37.

SÁ, E. D.; CAMPOS, I. M.; SILVA, M. B. C. Atendimento Educacional Especializado: deficiência visual. Brasília: Cromos, 2007.

VYGOTSKI, L. V. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Vilallobos. São Paulo: Ícone, 1998.